

R O B I N B E N W A Y

As três
partes de
Grace

Tradução de
Natalie Gerhardt

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2019

QUEDA

GRACE

Grace não tinha pensado muito sobre o baile de boas-vindas. Mas sabia que iria. Imaginou que ela e sua melhor amiga, Janie, se arrumariam juntas, fariam o cabelo juntas. Sabia que sua mãe tentaria ficar tranquila em relação a tudo e não se animar demais, mas obrigaria o pai de Grace a carregar a bateria da câmera cara e extravagante — não a do iPhone — e, então, Grace teria que posar para fotos com Max, seu namorado de pouco mais de um ano.

Ele estaria lindo de smoking — alugado, é claro, porque o que Max faria com um smoking no armário? — e ela não sabia se dançariam música lenta ou se ficariam conversando com a galera. A questão é que Grace não fez suposições. Achou que o baile aconteceria e que seria ótimo.

Ela pensava assim em relação a tudo na vida. O baile de boas-vindas era um evento ao qual iria. Não questionava isso.

E é justamente por esse motivo que foi uma surpresa tão grande passar a noite do baile não com um vestido elegante, ou tomando goles no frasco de bebida de Max, ou com Janie, tirando fotos uma da outra, mas na maternidade do hospital St. Catherine, os pés apoiados nos estribos da cama de parto em vez de em sapatos de salto alto, dando à luz sua filha.

Grace demorou um tempo para descobrir que estava grávida. Costumava ver aqueles reality shows e gritar “como é que você *não sabia* que estava grávida?!” para a tela, enquanto os atores e atrizes recriavam as histórias mais inacreditáveis. O carma, pensou ela posteriormente, realmente a pegou de jeito nesse caso. Em sua defesa, porém, sua menstruação sempre foi irregular, o que não ajudou muito. E Grace passou pelo período de enjoos na mesma época em que vários alunos da escola pegaram uma virose, então o segundo deslize veio daí. Só quando a sua calça jeans preferida começou a ficar mais justa, por volta da décima segunda semana (que ela ainda não sabia que era a décima segunda semana), foi que começou a suspeitar que havia alguma coisa errada. E foi só na décima terceira semana (veja o parêntese anterior sobre a décima segunda semana) que ela obrigou o namorado, Max, a dirigir por vinte minutos até uma farmácia bem distante, onde não encontrariam nenhum conhecido, para comprar dois testes de gravidez.

Acontece que os testes eram caros. Tão caros, na verdade, que Max teve que verificar o saldo da sua conta no celular enquanto ainda estavam na fila, só para se certificar de que tinha dinheiro suficiente.

Quando Grace se deu conta do que tinha acontecido, já estava no quinto dia do segundo trimestre da gravidez.

O bebê era do tamanho de um pêssego. Grace tinha pesquisado no Google.

Depois desse dia, Grace sabia que não ficaria com Pesseguinha. Sabia que não *podia*. Ela trabalhava meio período depois da escola, em uma loja de roupas que atendia principalmente mulheres com mais de quarenta anos que a chamavam de “querida”. Ela não recebia o suficiente para criar um filho.

E não era nem porque bebês choravam, fediam e babavam, nada disso. Essas coisas nem pareciam tão terríveis. Era o fato de que eles *precisam* de você. Pesseguinha precisaria de Grace de uma forma que ela não seria capaz de suprir. À noite, ela se sentava no seu quarto, abraçando a barriga agora arredondada, e repetia: “Desculpe, descul-

pe, desculpe”, um mantra de penitência porque Grace era a primeira pessoa de quem Pesseguinha precisaria na vida, e Grace sentia que já a estava decepcionando.

O advogado de adoção mandou uma pasta imensa com informações sobre possíveis famílias adotivas, cada qual com aparência mais ansiosa que a outra. A mãe de Grace e ela avaliaram juntas, como se estivessem analisando um catálogo de compras.

Ninguém era bom o suficiente para Pesseguinha. Certamente nenhum pai com cara de rato ou mãe que não mudava o corte de cabelo desde 1992. Grace vetou uma família porque o filho parecia amargurado, e outra porque não tinham viajado para nenhum lugar mais longe que o Colorado. Não importava que *ela* mesma também não tivesse ido além do Colorado, Pesseguinha merecia *mais*. Merecia alpinistas corajosos, pessoas que fizessem viagens internacionais e buscassem as melhores coisas no mundo, porque era isso que Pesseguinha era. Grace queria exploradores intrépidos que buscavam ouro — porque eles poderiam ficar ricos.

Catalina era espanhola e falava fluentemente espanhol e francês. Trabalhava em uma empresa de marketing on-line, mas também tinha um blog de culinária e o sonho de um dia publicar um livro de receitas. Daniel era web designer e trabalhava de casa. Era ele quem ficaria com Pesseguinha durante os primeiros três meses, o que Grace achou demais. Eles tinham uma cadela chamada Dolly, uma labrador que parecia carinhosa e meio burra.

Grace os escolheu.

Nunca sentiu vergonha, não enquanto Pesseguinha ainda estava na sua barriga. Elas eram um time. Caminhavam, dormiam e comiam juntas, e tudo o que Grace fazia afetava a bebê. Elas assistiam a muitos programas de TV no laptop, e Grace falava sobre o que estavam vendo, sobre Catalina e Daniel e sobre como ela teria um lar incrível com eles.

Pesseguinha era a única pessoa com quem Grace conversava. Todas as suas amigas haviam se afastado. Grace conseguia ver nos olhos de

todas a insegurança sobre o que dizer em relação à barriga que crescia rapidamente, o alívio que sentiam por não terem sido elas a engravidar. No início, suas colegas da equipe de *cross-country* tentaram mantê-la atualizada sobre as novidades, mas Grace não conseguiu lidar com o modo como sua inveja repuxava a própria pele até parecer que ela ia explodir. Até mesmo assentir em silêncio se tornou difícil depois de um tempo e, quando parou de responder, elas pararam de falar.

Às vezes, quando estava quase dormindo e Pesseguiinha se enfiava embaixo de suas costelas, como se fosse um lugar seguro para ela, Grace sentia a presença de sua mãe na porta do quarto, olhando para ela. Fingia não perceber, e, depois de um tempo, a mãe ia embora.

O pai, porém, era outra história. Ele mal conseguia olhar para Grace. Ela sabia que o tinha decepcionado e que, embora ele ainda a amasse, ela era uma pessoa diferente agora, e nunca mais seria a mesma. Ele devia achar que tinha trocado sua filha por um novo modelo (“agora equipado com um bebê na barriga!”), a Grace 2.0.

Ela sabia disso porque era exatamente como se sentia.

Já estava com quarenta semanas e três dias na noite do baile de boas-vindas. Janie ficava insistindo para ela ir, dizendo que poderiam aparecer como um grupo de amigos ou algo assim, o que provavelmente foi a coisa mais idiota e gentil que ela já disse para Grace. Suas palavras tinham um quê de desculpa, como se soubesse que não deveria dizer aquilo, mas não conseguisse evitar. Vai ser divertido!, escreveu ela em uma mensagem, mas Grace não respondeu.

Quando as aulas começaram, Grace não voltou, como todos os outros fizeram. Estava grávida demais, redonda demais e exausta demais. Além disso, havia o risco de entrar em trabalho de parto no meio da aula de química avançada e acabar traumatizando toda a turma do segundo ano. Ela não estava exatamente arrependida dessa decisão. Quando as férias de verão chegaram, Grace já estava farta de se sentir como uma estranha no ninho, as pessoas lhe dando tanto espaço nos corredores que ela nem conseguia se lembrar da última vez que alguém tinha tocado nela, mesmo que fosse um esbarrão acidental.

Pessequinha nasceu às 21h03, enquanto o baile de boas-vindas acontecia. Bem na hora em que Max estava sendo coroado rei do baile, pensou Grace amargamente, porque garotos que engravidam garotas são considerados heróis, enquanto garotas que engravidam são xingadas de piranha. Mas Pessequinha deu um jeito nisso e roubou o momento de Max. Essa foi a primeira coisa que a filha de Grace fez, e foi genial. Ela ficou orgulhosa. Era como se Pessequinha soubesse que era herdeira do trono e tivesse chegado para reivindicar a coroa.

Pessequinha saiu de dentro dela como fogo, e as entranhas de Grace pareciam estar em chamas. Aplicaram-lhe ocitocina e uma dor lancinante queimou sua coluna, suas costelas e quadris. Sua mãe apertou-lhe as mãos e tirou o cabelo da sua testa suada, sem se importar que a filha não parasse de chamá-la de mamãe, como se ainda tivesse quatro anos. Pessequinha se retorceu e foi abrindo caminho até a saída, como se soubesse que Grace era apenas um receptáculo e que seus verdadeiros pais, Daniel e Catalina, a aguardavam do lado de fora, prontos para levá-la para casa e para a vida que a aguardava.

Pessequinha tinha lugares para ir, para conhecer, e já estava farta de Grace.

Às vezes, quando já era tarde da noite e Grace se permitia vagar por aquele lugar sombrio de seu cérebro, ela pensava que tudo teria ficado bem se não tivesse segurado Pessequinha, se não tivesse sentido a maciez de sua pele ou o cheirinho de sua cabeça, se não tivesse visto que ela herdara o nariz de Max e o cabelo escuro de Grace. Mas a enfermeira tinha perguntado se queria segurá-la, e ela ignorou o olhar preocupado da mãe e aquele jeito como ela mordia o lábio inferior. Ergueu os braços e pegou Pessequinha do colo da enfermeira e não sabia explicar de outra forma a não ser que a bebê se encaixava. Ela se encaixava perfeitamente nos braços de Grace, exatamente como se encaixara sob suas costelas, aninhada ali, macia e segura. E mesmo que Grace sentisse seu corpo esturricado e queimado, parecia que sua cabeça tinha sido lavada e estava limpa pela primeira vez em dez meses.

Pessequinha era perfeita. Grace não.

E Pessequinha merecia a perfeição.

Catalina e Daniel não a chamavam de Pesseguinha, é claro. Ninguém sabia do apelido, a não ser Grace. E a própria Pesseguinha. Eles lhe deram o nome de Amelía Marie. Milly, para facilitar.

Sempre disseram que seria uma adoção aberta. Queriam que fosse assim, principalmente Catalina. No fundo, Grace sempre achou que Catalina se sentia um pouco culpada por Pesseguinha ter se tornado sua filha. “Podemos agendar visitas”, sugeriu um dia quando estavam no escritório de adoção. “Ou podemos mandar fotos. O que você achar melhor, Grace.”

Mas depois que Pesseguinha — *Milly* — nasceu, Grace não confiou mais em si mesma. Não conseguia se imaginar vendo-a novamente e não a pegando de volta. Logo depois que ela nasceu, Grace sentiu um fluxo de adrenalina no corpo, do tipo que imaginava que apenas esportistas poderiam ter, e estava praticamente pronta para levantar com um salto, colocar Pesseguinha embaixo do braço e correr como um atleta olímpico até a linha de chegada. Provavelmente teria corrido uma maratona com Pesseguinha, e o que a assustava é que sabia que não a teria trazido de volta.

Grace não se lembrava de ter entregado Pesseguinha — *Milly* — para Daniel e Catalina. Em um instante a filha estava nos seus braços e, no seguinte, ela tinha desaparecido, partido com estranhos para ser a filha de outra pessoa, e Grace a tinha perdido para sempre.

No entanto, o seu corpo lembrava de tudo. Ele trouxe Pesseguinha para o mundo e ficou de luto quando Grace voltou para casa do hospital. Ela trancou a porta do quarto e se contorceu de agonia enquanto usava, enrolada nas mãos, uma das mantinhas que Pesseguinha usara no hospital para abafar os soluços que rasgavam o seu peito, o seu coração e a sufocavam de dentro para fora. Não queria mais a mãe. Essa não era uma dor que ela ou os médicos poderiam resolver. O corpo de Grace se retorceu na cama de um jeito que não tinha acontecido no parto, como se estivesse confuso e sem saber para onde Pesseguinha tinha ido, e seus dedos dos pés se dobravam e as mãos abriam e fechavam. Grace tinha dado à luz Pesseguinha,

mas a sensação agora era a de que a tinha abandonado. Ela estava livre, partindo para longe.

Grace ficou no quarto. Perdeu a noção do tempo depois do décimo dia.

Depois de duas semanas inteiras no escuro, ela desceu e interrompeu o café da manhã dos pais. Os dois ficaram olhando para ela como se nunca a tivessem visto antes e, de certa forma, não tinham mesmo. Grace 3.0 (“Agora sem bebê na barriga!”) estava ali para ficar.

E, então, ela disse as palavras que seus pais mais temeram ouvir nos últimos 16 anos de sua vida, desde o nascimento de Grace. Não eram as palavras “Estou grávida”, nem “a bolsa estourou”, nem “aconteceu um acidente”.

Grace desceu e, com a barriga vazia e o cabelo desgrenhado, declarou para os pais:

— Quero procurar a minha mãe biológica.

Grace sempre soube que tinha sido adotada. Seus pais não fizeram segredo disso. Também não pensavam muito no assunto. Era apenas o jeito como as coisas *eram*.

Na mesa do café da manhã, Grace agora observava enquanto a mãe, em um movimento de reflexo, abria e fechava o pote de manteiga de amendoim. Depois da terceira vez, o pai estendeu a mão e afastou o pote dela.

— Seria melhor fazermos uma reunião de família — sugeriu ele enquanto as mãos da mãe agarravam o guardanapo.

Na última reunião que tiveram, Grace contara que estava grávida. No ritmo que estavam indo, seus pais nunca mais fariam outra reunião de família.

— Tudo bem — concordou Grace. — Hoje.

— Amanhã. — Sua mãe finalmente tinha encontrado a voz. — Tenho uma reunião de trabalho hoje e nós devemos... — Ela olhou para o pai de Grace. — Nós temos que separar alguns documentos para você. Estão no cofre.

Sempre existiu um acordo implícito entre Grace e seus pais. Eles sempre contariam para ela tudo que sabiam sobre sua família biológica,

mas apenas se ela perguntasse. Teve curiosidade algumas vezes — como quando estudou DNA no primeiro ano de biologia, ou naquela vez, quando ainda estava no segundo ano do fundamental I e descobriu que Alex Peterson tinha duas mães, e Grace tinha se perguntado se também poderia ter duas mães —, mas era diferente agora. Grace sabia que em algum lugar do mundo existia uma mulher que talvez tenha sofrido (e talvez ainda sofresse) como Grace estava sofrendo. Conhecê-la não traria Pesseguinha de volta, nem cobriria as rachaduras que ameaçavam estilhaçá-la, mas seria alguma coisa.

Grace precisava se ligar a alguém novamente.

Seus pais sabiam muito pouco sobre sua mãe biológica, o que não foi nenhuma surpresa. Tinha sido uma adoção particular, feita por meio de advogados e tribunais. O nome de sua mãe era Melissa Taylor. Os pais de Grace não a tinham conhecido. Melissa não quisera.

Não havia fotos de sua mãe biológica, nem impressões digitais, nem um bilhete, nem uma lembrança, apenas um documento assinado. O nome era comum o suficiente para Grace achar que, se o jogasse no Google, demoraria horas olhando os resultados e provavelmente não encontraria nada. No entanto, ao que tudo indicava, talvez nunca tenha sido o desejo de Melissa ser encontrada.

— Nós mandamos uma carta para ela por intermédio do advogado — revelou a mãe de Grace, entregando-lhe um envelope fino. — Foi logo depois que você nasceu. Queríamos dizer o quanto éramos gratos, mas a carta foi devolvida. — Ela não precisava ter acrescentado esta última parte. Grace conseguiu ler o carimbo vermelho “Devolver ao remetente” no envelope.

E bem no momento em que começou a sentir um sofrimento novo e diferente (embora não pior) por não existir uma mulher que a tivesse desejado, por não existir uma mulher que tivesse precisado dela do jeito que ela precisava de Pesseguinha, uma mulher que tivesse se contorcido e sofrido de vontade de saber qualquer coisa sobre ela, os pais de Grace falaram algo que fechou imediatamente o buraco negro que ameaçava engoli-la por inteiro.

— Grace — disse seu pai em tom suave, como se sua voz pudesse ativar algum dispositivo que destruiria a todos —, você tem irmãos.

Depois que Grace terminou de vomitar no banheiro de hóspedes do primeiro andar, pegou um copo de água e voltou para a mesa. A expressão de ansiedade no rosto da mãe a deixou agitada.

Eles contaram a história de um jeito cuidadoso e obviamente ensaiado: Seu irmão se chamava Joaquin. Ele tinha um ano quando Grace nasceu, e foi colocado no programa de acolhimento familiar alguns dias depois que seus pais a trouxeram para casa.

— Eles perguntaram se queríamos acolhê-lo — explicou a mãe de Grace, e, mesmo agora, 16 anos depois, a menina conseguia ver as rugas de arrependimento em relação a Joaquin entalhadas no rosto da mãe. — Mas você era recém-nascida e nós... Nós não estávamos preparados para isso. Para dois bebês. E sua avó já tinha sido diagnosticada...

Grace conhecia essa parte da história. Sua avó, Gloria Grace, a mulher com quem compartilhava o nome, tinha sido diagnosticada com câncer pancreático em estágio avançado um mês antes de Grace nascer e morreu pouco depois do primeiro aniversário da neta. “O melhor e o pior ano” era como sua mãe descrevia o período nas poucas vezes que falava sobre o assunto. Grace sabia que era melhor não fazer muitas perguntas.

— Joaquin — disse ela, sentindo a palavra na boca. Percebeu que nunca tinha conhecido nenhum Joaquin, que nunca tinha pronunciado esse nome antes.

— Disseram que ele foi levado para uma família acolhedora e que essa família tinha entrado com um pedido para a adoção definitiva — continuou seu pai. — Mas isso é tudo que sabemos sobre ele. Tentamos ter notícias, mas o sistema é... complicado.

Grace assentiu, absorvendo tudo aquilo. Se a sua vida fosse um filme, aquele seria um momento de reflexão, acompanhado por uma música orquestrada.

— Você disse *irmãos*? No plural?

Sua mãe concordou com a cabeça.

— Logo depois que Gloria Grace... — Ninguém a chamava de outra forma, a não ser essa — ... morreu, recebemos uma ligação do mesmo advogado que nos ajudou a adotar você. Havia outro bebê, uma menina, mas a gente não podia... — Ela olhou para o pai de Grace novamente em busca de ajuda para preencher o espaço entre as palavras. — Nós não podíamos, Grace — continuou sua mãe, a voz falhando antes de pigarrear. — Ela foi adotada por uma família que mora a uns vinte minutos daqui. Nós temos as informações de contato, e combinamos com eles que se uma de vocês quisesse conhecer a outra, mandaríamos um e-mail.

Eles deslizaram um papel com um endereço de e-mail em direção a ela.

— O nome dela é Maya — disse o pai. — Ela tem 15 anos. Conversamos com seus pais ontem à noite, e eles falaram com ela. Se você quiser entrar em contato, Maya está esperando.

Naquela noite, Grace se sentou diante do seu laptop e observou o cursor piscar na tela enquanto tentava planejar o que escrever para Maya.

~~Querida Maya, sou sua irmã e~~

Não. Familiar demais.

~~Oi, Maya, meus pais acabaram de me contar sobre você e uau!~~

Grace queria se socar depois de ler aquela frase.

~~E aí, Maya? Eu sempre quis ter uma irmã e agora tenho uma~~

Grace ia precisar contratar um escritor profissional para fazer aquilo.

Por fim, depois de meia hora digitando, apagando e digitando de novo, conseguiu um resultado que lhe pareceu razoável:

Oi, Maya,

Meu nome é Grace e recentemente descobri que temos a mesma mãe biológica. Minha mãe e meu pai me contaram hoje sobre você, e sou obrigada a admitir que estou um pouco chocada, mas animada também. Eles me disseram que você já sabe sobre a minha existência, então espero que não fique surpresa demais ao receber este e-mail. Não sei se seus pais contaram para você sobre Joaquin. Ele talvez seja o nosso irmão. Acho que seria legal se conseguíssemos encontrá-lo juntas.

Meus pais me disseram que você mora a cerca de meia hora daqui, então talvez a gente pudesse marcar de tomar um café ou algo assim? Se você quiser, eu vou adorar conhecê-la. Mas sem pressão. Sei que essa situação tem potencial para ser muito estranha.

Espero ter notícias suas,

Grace.

Ela leu a mensagem três vezes e clicou em “enviar”.
Tudo que podia fazer agora era esperar.

MAYA

Quando Maya era pequena, seu filme favorito era a versão da Disney de *Alice no país das maravilhas*. Ela amava a ideia de cair no buraco do coelho e mergulhar em algo inesperado e, é claro, a ideia de que um coelhinho branco pudesse usar um coletinho e óculos minúsculos.

No entanto, a sua cena favorita era a parte em que Alice ficava grande demais para caber na casa do Coelho Branco. Suas pernas e seus braços saíam pelas janelas, estilhaçando o vidro, e sua cabeça batia no teto, enquanto as pessoas gritavam e berravam à sua volta. Maya *amava* essa parte. Costumava obrigar os pais a voltar o filme para aquela cena e assisti-la repetidas vezes, morrendo de rir da ideia de que o teto poderia se consertar sozinho.

Agora, quando seus pais brigavam e as paredes de casa pareciam pequenas demais e ela desejava poder estilhaçar as janelas de vidro e fugir, a ideia da casa se quebrando não parecia mais tão engraçada assim.

Maya não se lembrava de uma época em que os pais não estivessem brigando. Quando ela e a irmã, Lauren, eram mais novas, isso era feito atrás de portas fechadas, com vozes abafadas e sorrisos forçados na manhã seguinte no café da manhã. Com o passar dos anos, porém, as palavras sussurradas começaram a ficar mais altas. Depois vieram os gritos e, por fim, os berros.

Os berros eram a pior parte, palavras agudas e estridentes, o tipo de som que faz você querer cobrir os ouvidos e gritar de volta.

Ou fugir e se esconder.

Maya e Lauren escolhiam a última opção. Maya era 13 meses mais velha que Lauren e se sentia responsável pela irmã. Ela pegava o controle remoto e aumentava o volume até ficar difícil decidir qual era o som mais alto e quem queria vencer a batalha sonora.

— Será que dá para baixar o volume da TV? — gritava o pai, e isso parecia tão injusto. Elas só tinham aumentado porque eles começaram a gritar primeiro.

Maya tinha 15 anos, Lauren, 14.

As brigas estavam mais intensas do que nunca.

Aconteciam o tempo todo.

Você está sempre trabalhando! Você está sempre trabalhando e não...

Por você! Pelas meninas! Pela nossa família! Pelo amor de Deus, você quer tudo e quando eu tento dar a você...

Maya já tinha idade suficiente para entender que muitas dessas palavras zangadas tinham a ver com o vinho: uma taça antes do jantar, duas ou três durante, e uma quinta quando o pai de Maya estava viajando a negócios. A menina nunca via garrafas vazias na lata de lixo reciclável, e as prateleiras da despensa pareciam estar sempre abastecidas com garrafas fechadas. Ela se perguntava de quem a mãe escondia as evidências: das filhas, do marido ou de si mesma.

Mesmo assim, teria deixado a mãe beber três *garrafas* por noite se isso a mantivesse calma, complacente. Ou mesmo, meu Deus, *sonolenta*.

Mas o vinho só servia para deixar os pais acelerados, como aqueles carros de corrida que provocam um ao outro um pouco antes da partida, até alguém descer a bandeira e *vrum!*, eles partem a toda velocidade. Maya e Lauren aprenderam a ficar fora do caminho àquela altura, seguras no andar de cima, cada uma em seu quarto, ou na casa de um amigo. Já tinham chegado a dizer que iam para a casa de um colega, mas se esconderam no quintal até a barra ficar limpa. Não é que a briga dos pais ficasse fisicamente violenta, nada disso; as palavras tinham o potencial de cortar mais que vidro estilhaçado contra a parede, de machucar mais que um soco na boca.

Era fácil seguir o padrão dos dois. Maya tinha quase certeza de que poderia escrever um roteiro e eles o seguiriam. Assim que os gritos começavam, levava cerca de 15 minutos até a mãe acusar o pai de ter um caso. Maya não sabia se isso era verdade ou não e, para ser sincera, ela nem se importava muito com isso. Que tivesse um caso, se isso o deixasse feliz. Maya suspeitava de que sua mãe ficaria felicíssima se isso fosse verdade. Como se finalmente tivesse vencido a corrida na qual competia havia décadas.

Você morreria se chegasse em casa antes das oito horas da noite? Sério mesmo?

Ah, mas quem quis fazer uma nova reforma na cozinha? Você acha que dinheiro cai do céu?

Uma batida na porta a fez erguer os olhos. Maya meio que esperava que fosse Claire, mesmo sabendo que isso era impossível. Estavam namorando havia cinco meses, e seu abraço era melhor e mais seguro que qualquer esconderijo ou quintal do mundo. Claire era segurança. Maya às vezes pensava que era seu lar.

Mas a batida viera de Lauren.

— Oi — cumprimentou ela quando Maya abriu a porta. — Posso ficar um pouco com você?

— Claro.

Em algum ponto que Maya não sabia muito bem quando, suas conversas tinham passado de risinhos altos para segredos sussurrados, frases curtas e respostas de uma ou duas palavras. A diferença de 13 meses entre elas começou a separá-las como um golfo, ficando cada vez maior a cada mês que passava.

Maya sempre soube que tinha sido adotada. Em uma família de ruivos, esse fato ficava extremamente óbvio. Quando Maya era menor, para fazê-la dormir, sua mãe costumava contar a história de quando a levaram para casa do hospital. Já tinha ouvido aquela história mil vezes, é claro, mas sempre queria ouvir de novo. Sua mãe era uma boa contadora de histórias (trabalhara para uma rádio quando estava na faculdade) e sempre as temperava com gestos grandes e exagerados, contando como estavam assustados quando colocaram Maya na cadei-

rinha do carro pela primeira vez e como compraram todos os frascos de álcool em gel da farmácia.

Mas a parte favorita de Maya era sempre o final. “E, então”, concluiria sua mãe, cobrindo-a e alisando os cobertores, “você veio com a gente para casa. Onde é o seu lugar.”

No início, não importava muito que Maya fosse adotada e Lauren não. Eram irmãs, e isso era tudo que importava. Mas, então, as outras crianças se encarregaram de explicar tudo para ela.

Crianças podem ser bem babacas.

“Eles provavelmente não teriam adotado você se Lauren tivesse nascido primeiro”, explicara sua melhor amiga do terceiro ano do ensino fundamental, Emily Whitmore, na hora do almoço. “Lauren é a filha *biológica*”, ela disse a palavra como se alguém tivesse ensinado para ela. “E você não é. Esses são os fatos.”

Maya se lembrava da expressão no rosto de Emily enquanto explicava os “fatos” para ela, e ainda se lembrava do impulso imediato de dar um murro na cara convencida da menina de oito anos. Emily estava passando por uma fase de super-honestidade naquele ano, o que provavelmente explicava por que não tinha muitos amigos agora que estavam no segundo ano do ensino médio. (Mas ela ainda tinha cara de convencida. E Maya ainda queria socá-la.)

No entanto, Emily estava certa em relação a uma coisa: três meses depois que os pais trouxeram Maya para casa do hospital, a mãe descobriu que estava grávida de Lauren. Eles vinham tentando ter pelo menos um filho havia quase dez anos, e agora tinham sido abençoados com duas.

Bem, *abençoados* nem sempre seria a palavra que Maya escolheria usar.

“Qual de vocês duas foi adotada?”, as pessoas costumavam perguntar para ela e para Lauren, e as duas simplesmente piscavam. No início, não entendiam a piada, mas Maya entendeu bem mais rápido que Lauren. Foi obrigada a entender. Ela era a única que se sobressaía, a única que não tinha pele branca coberta de sardas e cabelo ruivo, a única mancha morena em todas as fotos da família penduradas na parede da escada.

Quando seus pais brigavam, Maya às vezes se imaginava ateando fogo na casa inteira. Sempre achou que jogaria gasolina naqueles retratos da parede da escada.

Aos cinco anos, a garota percebeu que era diferente. Quando foi a Estrela da Semana no jardim de infância, todos os seus coleguinhos perguntaram por que ela tinha sido adotada, onde sua “mãe de verdade” estava e se ela tinha sido abandonada porque era malcriada. Nenhum dos colegas fez perguntas sobre sua tartaruga, Scooch, nem sobre seu cobertor favorito, que tinha sido tricotado pela bisavó Nonie. Ela chorou depois, mas não conseguiu explicar o motivo.

Amava os pais, porém, com um desespero que até a assustava.

Às vezes sonhava com os pais que a tinham abandonado e acordava, toda suada, no meio de uma fuga, pessoas de cabelo castanho sem rosto e com os braços estendidos para pegá-la. Seus pais — sem o vinho, sem as brigas e sem a vida *adulta* sufocante de reformas na cozinha e pagamentos de hipoteca — eram gente boa. Muito boa. E eles a amavam incondicionalmente do jeito que ela era. Mas Maya sempre notava que os livros sobre criação de filhos eram sobre filhos adotados e não biológicos. Eles passavam tanto tempo tentando normalizar sua vida que Maya às vezes sentia que era tudo, menos normal.

Ela arrumou um espaço na sua cama para Lauren.

— O que você estava fazendo?

— Dever de matemática — respondeu a irmã. Ela era péssima em matemática, pelo menos quando comparada a Maya... mas Maya estava três anos adiantada na matéria. — E você?

Ela fez um gesto casual em direção ao laptop.

— Trabalho.

— Ah.

Para ser justa, Maya *estava* mesmo fazendo um trabalho. Só que não naquele exato momento. Ela o tinha feito durante a semana, apesar de o prazo ter sido três dias antes. A garota sabia que a professora ia deixar passar. Os professores amavam Maya. Ela os convencia com seus argumentos e, no fim das contas, conseguia pontos extras sem nem ter feito o que haviam pedido. Além disso, não é como se o mundo

precisasse de mais um trabalho sobre a importância da caracterização em *Spoon River Anthology*.

Em vez disso, estava conversando por mensagem com Claire.

Ela tinha entrado na escola em março. Maya ainda se lembrava da primeira vez que a tinha visto andando no jardim da frente, a mochila pendurada em um dos ombros em vez de em ambos, como todas as outras pessoas fazem.

Maya gostou dela na hora.

Gostava de ver que sua unha estava sempre pintada e com o esmalte lascado, mas o cabelo nunca tinha pontas duplas. Gostava do fato de suas meias nunca combinarem entre si, mas os sapatos serem os melhores (Maya invejava os sapatos da Doc Martens e morria de raiva por calçar dois números a mais que Claire).

Amava sentir as mãos da namorada nas suas, como sua pele às vezes parecia a coisa mais suave e elétrica que Maya já tinha tocado na vida. Amava a risada de Claire (era profunda e, para ser completamente sincera, soava como um ganso sendo assassinado) e a boca de Claire e o jeito como Claire acariciava seu cabelo, como se ela fosse meiga e importante.

Maya adorava que tinha passado a vida inteira tentando descobrir onde se encaixava, só para Claire aparecer ao seu lado, como se tivessem esperado a vida toda para se encontrar.

Como os pais de Maya não eram dinossauros antiquados, não se importavam que a filha fosse gay. Ou, mais precisamente, aceitavam isso. Tinham até *orgulho* disso. O pai tinha chegado a colar um adesivo de arco-íris no carro, escandalizando toda a vizinhança por um tempo, até Maya explicar gentilmente que o adesivo de arco-íris no carro era para declarar que *o dono* era gay, e talvez os vizinhos tivessem entendido errado.

Mesmo assim, tinha sido um gesto fofo. Eles doaram dinheiro para a PFLAG, uma organização LGBT, e ela e o pai participaram juntos de uma corrida de dez quilômetros. Maya tinha todo o apoio de que precisava nessa área específica, e era grata por isso. Só gostaria

que os pais prestassem mais atenção no próprio relacionamento, em vez de ficarem focados no dela.

Outra porta bateu e Lauren se sobressaltou. Não muito, mas o suficiente para Maya notar.

Será que ao menos se importa em ver suas filhas?

Como você se atreve a dizer uma coisa assim para mim!

Você nem perguntou para Maya sobre...

As meninas trocaram um olhar.

— Você já recebeu alguma mensagem daquela garota? — perguntou Lauren logo depois.

Maya negou com a cabeça.

— Não.

Na noite anterior, os pais tinham se sentado com ela — era a primeira vez em meses que ela os via juntos em casa sem brigar — e lhe contou sobre uma garota chamada Grace, que aparentemente era sua meia-irmã e vivia a uns vinte minutos dali. Pela primeira vez na vida, ao que tudo indicava, Grace tinha perguntado sobre a família biológica. Havia um garoto também, um suposto meio-irmão chamado Joaquin, mas ninguém mais sabia onde ele estava, como um chaveiro perdido em algum lugar.

— Tudo bem se nós dermos o seu endereço de e-mail para Grace? — perguntou seu pai.

Maya apenas encolheu os ombros.

— Claro. Pode dar.

Não estava tudo bem, não de verdade, mas ela não confiava mais na capacidade dos pais de serem fortes por ela. Eles mal conseguiam ficar um do lado do outro — que tipo de energia ainda poderiam lhe passar? Ela não tinha a menor vontade de chorar na frente deles, nem de fazer perguntas, nem de permitir que eles sequer tivessem um vislumbre do que se passava em sua cabeça. Não confiava seus pensamentos a eles, não quando agiam como elefantes em uma loja de porcelana. Só queria manter distância, uma distância segura, desse tipo de estrago.

Na noite anterior, despertara de um terrível pesadelo: as pessoas altas e de cabelo escuro queriam pegá-la, tentavam arrancá-la de casa

pela janela de seu quarto, e ela tinha acordado ofegante, com as mãos tremendo tanto que nem tinha conseguido mandar uma mensagem para Claire. Não tinha certeza do que a tinha assustado mais: os estranhos tentando tirá-la de casa ou o fato de ela não ter certeza de querer que fracassassem.

Não conseguiu voltar a dormir.

Você conhece a Maya. Ela não conta as coisas. Você tem que perguntar! Ela não é como Lauren! Se você passasse um pouco de tempo com elas...

Não é como se Maya adorasse o fato de ter sido adotada, mas, em momentos como aquele, ela meio que gostava de saber que aquelas pessoas não tinham parentesco biológico com ela (*que droga ser você, Lauren*, pensava ela às vezes, quando as brigas ficavam exaltadas e próximas demais de onde estavam). Era mais fácil imaginar um mundo de possibilidades, um mundo no qual literalmente qualquer um pudesse ter algum grau de parentesco com ela. Mas, então, às vezes, isso apenas fazia com que o mundo parecesse grande demais, e com que Maya começasse a se sentir desconectada, como se pudesse voar para longe a qualquer momento. Então, segurava a mão de Claire e a apertava com força para conseguir voltar para a Terra.

— Você acha que eles vão se divorciar? — perguntara-lhe Lauren alguns meses antes, depois que o pai tinha saído enfurecido de casa e a mãe nem fora ver como estavam. As meninas dormiram na mesma cama naquela noite, algo que não faziam desde que eram pequenas.

— Não seja burra — respondera Maya, mas aquele pensamento a manteve acordada a noite inteira. Se os pais se separassem, quem eles escolheriam? Lauren era a filha biológica, exatamente como Emily Whitmore tinha dito. Maya não era.

Era uma ideia ridícula, é claro.

Mesmo assim.

Naquela noite, depois que todo mundo se recolheu no segundo andar, depois que Lauren voltou para seu quarto e fechou a porta, depois que Maya enviou uma mensagem para Claire bem além da

hora em que já deveria ter desligado o celular (meus pais vão se divorciar com certeza — rs) e ninguém apareceu para impedi-la, Maya ficou acordada na cama.

Tudo parecia ainda mais terrível às três horas da manhã. Isso era um fato.

Seu telefone de repente vibrou com uma notificação de e-mail, e ela abriu. Tinha lido em algum lugar que, para cada minuto que se passa no celular na cama, perde-se uma hora de sono. Achava aquilo uma besteira, mas agora realmente parecia possível.

Irmã? Era o que estava escrito na linha de assunto do e-mail.

Não era de Lauren.

Maya o leu.

JOAQUIN

Joaquin sempre amou as primeiras horas da manhã. Gostava do céu rosado que lentamente se iluminava de amarelo até se tingir de azul. Quando não ficava azul, gostava da neblina que envolvia a cidade como um cobertor, enrolando-se nas montanhas e estradas, tão espessa que Joaquin às vezes conseguia tocá-la.

Gostava da tranquilidade das manhãs, de como podia andar de skate pela rua sem se preocupar em desviar de turistas ou criancinhas correndo depois de soltar a mão dos pais. Gostava de ficar sozinho, sem ninguém por perto. A solidão parecia uma opção dele dessa forma. Era mais fácil do que se sentir sozinho mesmo cercado de gente, que era como ele sempre se sentia quando o mundo começava a acordar, antes da realidade se assentar e o cobertor de neblina ser derretido pelo sol.

Joaquin jogou o corpo para a esquerda enquanto descia a ladeira em direção ao centro de artes. As rodinhas do skate eram novas, um presente “sem motivo” de sua décima oitava família acolhedora.

Mark e Linda eram gente boa, já fazia quase dois anos desde que o tinham acolhido. Joaquin gostava deles. Linda o ensinara a dirigir a minivan antiga e tinha ignorado o amassado que o garoto deixara na porta traseira do lado do passageiro; Mark o levava a seis jogos de beisebol no último verão, onde se sentavam lado a lado e assistiam em silêncio, assentindo quando concordavam que o juiz agira corretamente.

“Legal ver pai e filho juntos em um jogo”, comentou um homem mais velho para eles após uma das partidas, e quando Mark abriu um sorriso e o puxou pelo ombro, Joaquin ficou vermelho como um pimentão.

Joaquim sabia algumas coisas básicas sobre sua infância, mas não muito. A mãe o colocara no programa de acolhimento quando ele tinha um ano. Sabia, pela certidão de nascimento, que o nome dela era Melissa Taylor, e o sobrenome do pai era Gutierrez, mas só conseguiu descobrir isso cerca de dez assistentes sociais atrás, quando os direitos parentais de Melissa tinham sido revogados havia muito tempo. Ela nunca tinha aparecido nas visitas quando ele era pequeno. Às vezes Joaquin se perguntava se tinha sido o pior bebê do mundo, já que nem a própria mãe aparecia para vê-lo.

Não sabia nada sobre o pai biológico, a não ser o sobrenome e o fato de que Joaquin só precisava olhar para o espelho para saber que o seu misterioso pai não era branco. “Você parece mexicano”, declarou um irmão de acolhimento depois de Joaquin ter dito que não sabia de onde tinha vindo. Nunca ninguém disse nada para refutar isso, então essa era sua verdade. Joaquin era mexicano.

Em relação às famílias acolhedoras e aos lares temporários em que morou, tinham sido bons e ruins. Teve aquela acolhedora que uma vez perdeu a paciência e o acertou com uma escova de cabelo de madeira, fazendo com que Joaquin se sentisse um daqueles personagens de desenho animado que literalmente veem estrelas; teve também um casal de idosos que, por motivos que Joaquin nunca conseguiu entender, prendiam sua mão esquerda com fita adesiva, obrigando-o a usar a direita (não adiantou nada, Joaquin ainda era canhoto); teve também um acolhedor que gostava de apertar Joaquin pela nuca, fazendo suas vértebras roçarem de um jeito que nunca conseguiu esquecer totalmente; havia os acolhedores que mantinham a comida das crianças acolhidas em uma prateleira separada da despensa com produtos de marcas genéricas, logo abaixo de uma prateleira cheia de cereais matinais de marcas conhecidas para os filhos biológicos.

Mas teve também Juanita, a acolhedora que acariciava seu cabelo e o chamou de *cariño* quando teve uma virose estomacal no inverno; teve Evelyn, que organizava guerras de balões de água no quintal e

cantava todas as noites para Joaquin a música sobre três pintinhos que se aninhavam sob as asas da mãe para dormir; e Rick, o acolhedor que uma vez comprou para Joaquin uma caixa de tintas pastel a óleo porque achava que o garoto era muito talentoso. (Seis meses depois, Rick bebeu demais e entrou em uma briga com o vizinho, e Joaquin foi obrigado a deixar aquela casa e sua caixa de tintas pastel para trás. Ainda não tinha superado aquilo.)

Mark e Linda eram os últimos acolhedores e queriam adotar Joaquin de forma definitiva.

Tinham lhe perguntado na noite anterior, quando estava sentado à mesa da cozinha colocando as rodinhas novas no skate. Eles se sentaram de frente para Joaquin, as mãos dadas, e ele sentiu imediatamente que iam pedir que fosse embora. Já tinha acontecido 17 vezes antes, então ele conhecia bem os sinais. Haveria explicações, pedidos de desculpas e talvez até lágrimas (nunca as de Joaquin), mas tudo sempre terminava do mesmo jeito: o rapaz colocando os poucos pertences em um saco de lixo e aguardando a chegada da assistente social que viria buscá-lo para levá-lo para outro lugar. (Certa vez, uma assistente social tinha lhe dado uma mala de verdade, mas ela foi completamente destruída na nova casa quando duas outras crianças começaram a brigar. Joaquin preferia sacos de lixo. Desse jeito, não tinha nada a perder.)

— Joaquin — começou Linda, mas ele a interrompeu. Gostava de Linda e não queria que uma de suas últimas lembranças dela fosse cheia de desculpas esfarrapadas e elogios falsos.

— Não, tudo bem — respondeu ele. — Eu entendo. Só... É por causa da porta do carro? Porque eu poderia consertar. — Joaquin não sabia como fazer aquilo. Seu emprego no centro de artes não lhe pagava o suficiente para deixá-lo milionário, e ele não fazia a mínima ideia de como consertar um amassado no carro, mas para que serve o YouTube, não é mesmo?

— Espere, o quê? — perguntou Linda, e Mark aproximou mais a cadeira de Joaquin, o que o fez se empertigar um pouco. — Não se preocupe com o carro, querido, não é sobre isso que queremos conversar com você.

Joaquin raramente se sentia perdido. Era muito bom em prever o que os outros iam fazer e como reagiriam; quando não conseguia prever o comportamento de alguém, sabia como provocar. A terapeuta que Mark e Linda o obrigaram a frequentar chamava isso de mecanismo de defesa, e Joaquin achou que aquilo soava exatamente como algo que uma pessoa que nunca precisou usar um mecanismo de defesa diria.

Mas Linda não estava seguindo as falas do roteiro que Joaquin já conhecia de cor.

Mark se inclinou para a frente nesse momento, pousando a mão no braço de Joaquin e pressionando de leve. Isso não incomodou o garoto, ele sabia que Mark jamais o machucaria e, mesmo que tentasse, Joaquin era uns oito centímetros mais alto e uns 13 quilos mais pesado, então seria uma luta fácil. Em vez disso, não conseguiu evitar a sensação de que Mark estava tentando acalmá-lo.

— Amigão — começou Mark. — A sua mã... Linda e eu queremos conversar com você sobre algo importante e, se você concordar, nós gostaríamos de adotá-lo.

Os olhos de Linda brilhavam enquanto balançava a cabeça em concordância, acompanhando as palavras de Mark.

— A gente ama muito você, Joaquin — declarou ela. — Você... você é como um filho para nós. Não conseguimos imaginar não tornar isso permanente.

O zunido na cabeça de Joaquin quase lhe provocou uma vertigem e, quando baixou o olhar para as rodinhas do skate nas suas mãos, percebeu que não as sentia. Só tinha se sentido daquela maneira uma vez antes, quando Mark e Linda disseram (de forma casual, bem casual mesmo), que ele poderia chamá-los de pai e mãe se quisesse.

— Mas só se você *quiser*, é claro — reforçou Linda. Mesmo que ela estivesse de costas ao dizer aquilo, ele ainda conseguia ouvir o tremor em sua voz.

— A decisão é sua, amigão — acrescentou Mark da ilha da cozinha, onde tinha ficado olhando para o laptop. Joaquin notara que ele não estava clicando nem navegando pelos sites, só subindo e descendo a mesma página.

— Beleza — respondera Joaquin, que posteriormente fingiria não notar as expressões decepcionadas no jantar quando ele chamasse a mulher de Linda, como se nada tivesse acontecido naquela manhã.

Joaquin nunca tinha chamado ninguém de mãe nem de pai. Ele sempre usava os nomes ou, em algumas casas mais formais, sr. e sra. Fulano de Tal. Não havia avós, tios, tias nem primos, como acontecia com algumas outras crianças do programa de acolhimento familiar.

E a verdade era que ele queria chamar Linda e Mark de mãe e pai. Queria tanto que conseguia sentir as palavras não ditas rasgarem sua garganta. Seria tão mais fácil simplesmente dizê-las, deixá-los felizes, finalmente ser um garoto com uma mãe e um pai que cuidavam dele.

Mas não eram só palavras. Joaquin sabia, do mesmo modo como sabia todas as verdades da vida, que se usasse aquelas duas palavras, elas o redefiniriam. Para aquelas palavras saírem de sua boca, ele precisava saber que poderia dizê-las pelo resto da vida, e Joaquim tinha aprendido, da forma mais difícil, que as pessoas podiam mudar de ideia, que podiam dizer uma coisa e fazer outra. Certa vez, em uma tarde, durante uma aula de matemática, ele se atrevera a chamar a professora do segundo ano de mãe, só para sentir a palavra na boca e ver como soaria aos seus ouvidos, mas o constrangimento causado pelas outras crianças fora tão agudo e forte que ele ainda sentia o rosto queimar só de pensar no episódio, mesmo tantos anos depois.

Aquilo, porém, tinha sido apenas um erro. Chamar Linda e Mark de mãe e pai de forma intencional significaria que o coração de Joaquin se tornara algo muito mais frágil, impossível de se recuperar se fosse partido. Ele não poderia fazer — e não faria — aquilo de novo. Ainda não tinha conseguido recuperar todos os pedacinhos depois da última vez, um ou dois buracos ainda permaneciam em seu peito, deixando o ar frio entrar.

Agora Mark e Linda queriam adotá-lo, e Joaquin sentia as rodinhas do skate girarem sob seus pés enquanto ele passava direto pela biblioteca. Mark e Linda seriam seus pais, mesmo que ele decidisse não chamá-los assim. Ele sabia que os dois não podiam ter filhos (“Completamente estéril!”, exclamara Linda certa vez naquele tom

bastante animado que as pessoas costumam usar para esconder os piores sofrimentos), e se perguntava se ele era a última chance dos dois de finalmente conseguir o que queriam, se não passava de um meio para um fim.

Enquanto passava pela biblioteca, viu a placa que dizia “Mamãe, Papai e eu e a hora da história” em uma das janelas.

Joaquin tinha superado o fato de não ter pais. Não era mais burro como quando pequeno, quando tinha tentado ser charmoso e engraçado, tipo aquelas crianças que via nas comédias da TV, com risadas idiotas e pais que apenas suspiravam quando os filhos faziam coisas estúpidas, como atravessar a parede da cozinha com um carro. Aos cinco anos, ele já tinha mudado de lar temporário tantas vezes que frequentou três jardins de infância diferentes, o que significava que conseguiu evitar completamente aquele mico da Estrela da Semana, quando você vira a “estrela” e as crianças perguntam sobre sua casa, sua família e seus animais de estimação, todas as coisas que Joaquin sabia muito bem que não tinha.

Uma vez, quando estava no primeiro ano do ensino médio, Joaquin teve que escrever uma redação respondendo para que época ele iria se pudesse viajar no tempo. Escreveu que teria voltado para ver os dinossauros, o que provavelmente foi a maior mentira que já tinha contado na vida. Se Joaquin pudesse viajar no tempo, obviamente voltaria para encontrar o seu eu de 12 anos, apenas para dar uma sacudida violenta nele e sibilar: “*Você está ferrando com tudo*”. Essa foi a época que ele *realmente* ficou mal, quando cedia à fúria que borbulhava dentro de si. Ele tinha ataques e se retorcia e gritava e berrava até o monstro retroceder, saciado por um tempo, deixando Joaquin alquebrado e exausto, impossível de ser consolado, impossível de ser punido. Ninguém queria uma criança assim, Joaquin sabia agora, especialmente uma que fazia xixi na cama quase todas as noites.

Quando fez oito anos, Joaquin já conhecia as regras do jogo. Seus dentes de leite tinham caído, deixando dentes grandes e alguns buracos no lugar; as bochechas fofas tinham afinado enquanto ele se aproximava da adolescência. Não era mais um garoto fofinho, e havia uma regra estabelecida e inflexível que dizia que pais adotivos queriam bebês.

Compreendeu que provavelmente não haveria ninguém nas reuniões de pais e mestres da escola para ouvir os professores contarem que ele era um ótimo artista. Não haveria ninguém para tirar uma foto dele com a fita azul que colocaram em seu desenho durante a feira de artes do quarto ano do ensino fundamental, nem para levá-lo para a festinha de aniversário do outro lado da cidade quando estava no quinto ano. Alguns dos seus acolhedores tinham tentado, é claro, mas não era como se tivessem muito dinheiro para esbanjar. Joaquin já tinha percebido havia muito tempo que, se não esperasse que as pessoas estivessem lá, não ficaria decepcionado quando não aparecessem.

Ainda tinha a fita azul, porém. Ele a guardava no fundo da gaveta de meias, as pontas desfiadas por causa dos 18 meses em que dormiu com ela embaixo do travesseiro.

Não tivera muita sorte na vida, mas reconhecia que era sortudo por não ter irmãos. Tinha visto o que acontecia com as outras crianças, como lutavam para permanecer juntas e como ficavam destruídas quando inevitavelmente eram separadas. Tinha visto irmãos mais velhos tentarem desesperadamente ser adotados por famílias que só queriam suas irmãs mais novas; tinha visto irmãs mais velhas serem arrancadas dos irmãos mais novos por não haver espaço suficiente para três crianças na casa da família acolhedora; e, além de tudo, os assistentes sociais às vezes separavam irmãos por gênero. Já era difícil o suficiente para Joaquin se manter firme, não deixar que seu coração afundasse em uma maré que só queria puxá-lo para baixo. Ele nunca teria conseguido impedir que outra pessoa também se afogasse. Estava *feliz* por não precisar, por ser livre, mesmo que às vezes suspeitasse que, sem essa amarra, ele poderia simplesmente navegar para longe sem que ninguém jamais soubesse seu paradeiro, sem que ninguém jamais o procurasse.

Mark e Linda provavelmente o procurariam, percebeu Joaquin quando viu o centro de artes, bem na hora que o sol começou a aparecer por entre as nuvens. Mas eles não o adotariam, concluiu.

Joaquin tinha sido adotado uma vez antes.

E nunca mais queria passar por aquilo de novo.